

**ABRALIN EM CENA ESPÍRITO SANTO
26 A 29 DE MAIO DE 2009
UFES/VITÓRIA-ES**

PROGRAMAÇÃO

Dia 26/05/2009 (Terça-feira)

8h às 16h: Entrega do Material

Local: Secretaria da ABRALIN na UFES

19h: Abertura do evento – Local: Teatro Universitário da UFES

19h 30min - 20h: Atividade Cultural: Banda de Congo Capixaba

20h - 21h: Conferência: “Quarenta anos de ABRALIN: a reflexão sobre a cognição e sociedade a partir dos estudos da language m” - Prof. Dr.ª. Maria Margarida Martins Salomão – UFJF

21h: Coquetel e Atividade Cultural – Banda do Professor Alexsandro Meireles (MPB) – Local: Sede da ADUFES

Dias 27 de maio de 2009 (quarta-feira)

Manhã

08h às 9h40min: Minicursos

01. Fonética e Fonologia: conceitos básicos e implicações para o acompanhamento do processo de aquisição da escrita

Prof.ª. Dr.ª. Maria Bernadete Marques Abaurre (UNICAMP)

Local: Sala Ingedore V. Koch

02. Surdez, língua de sinais e educação

Prof. Dr. Tarcísio de Arantes Leite (UFSC)

Local: Sala Clarice Lispector

03. Aplicando as cadeias referenciais na interpretação textual

Prof.ª. Dr.ª. Cláudia Roncarati – (UFF/CNPq)

Local: Sala Graciliano Ramos

04. Ensino de gramática, variação e texto

Prof.ª. Dr.ª. Sílvia Rodrigues Vieira (UFRJ)

Local: Auditório IC2

05. Introdução ao sociofuncionalismo

Prof.ª. Dr.ª. Edair Görski (UFSC)

Local: Sala 1 do Anexo CCHN

06. Argumentação e linguagem

Profª. Dra. Leci Borges Barbisan (PUC-RS)

Local: Sala 8 do IC3

07. Estudos cognitivos sobre a significação lexical: a semântica de frames e sua aplicação ao projeto FrameNet

Profª. Drª. Margarida Salomão (UFJF)

Local: IC1 – Sala 32

9h40min às 10h: Intervalo

10h às 12h: Mesa-redonda

Mesa-redonda 1

Local: Auditório do IC2

Tema: Teoria da Enunciação

Coordenação: Hilda Oliveira Olímpio (UFES)

Participantes: José Luiz Fiorin (USP), Leci Barbisan (PUC-RS), Hilda Oliveira Olímpio (UFES)

Prof. José Luiz Fiorin (USP)

Enunciação e semiótica

Esta comunicação tem o objetivo de mostrar como a semiótica francesa, a partir da teoria da enunciação desenvolvida por Benveniste, integra esse componente linguístico na teoria geral da significação que ela procura desenvolver. A semiótica abandonou a ilusão da semântica estrutural dos anos 1960, que acreditava ser possível fazer a análise do plano do conteúdo das línguas naturais. De um lado, porque esse projeto seria uma descrição da totalidade das culturas; de outro, porque seria impossível precisar as regras de compatibilidade e de incompatibilidade semântica que presidem à construção dos sememas e das unidades sintagmáticas mais amplas. Para ela, a semântica deve satisfazer três condições: ser gerativa, ser sintagmática e ser geral. Assim, ela deve explicar não unidades lexicais particulares, mas a produção e a compreensão dos discursos. Ora, o discurso é, ao mesmo tempo, estrutura e acontecimento. Por isso, a enunciação é a instância de mediação entre as estruturas semióticas virtuais e as estruturas realizadas sob a forma de discurso. Ela é o lugar do exercício da competência semiótica e, ao mesmo tempo, a instância de instauração do sujeito.

Profª. Leci Borges Barbisan (PUCRS)

O lugar da polifonia na enunciação

A Teoria da Argumentação na Língua, criada por Oswald Ducrot, é uma semântica linguística de origem estruturalista e enunciativa que se fundamenta na distinção entre *frase* e *enunciado*. A *frase* contém a *significação* e o *enunciado* contém o *sentido*. Há diferenças de estatuto metodológico e de natureza entre *significação* e *sentido*. Do ponto de vista metodológico, o *sentido* é constituído por fatos observáveis e construído por meio de hipóteses explicativas. Essas hipóteses constituem a *significação* e permitem calcular o *sentido*. Do ponto de vista de sua natureza, a *significação* é um conjunto de *instruções* que indicam como associar um *sentido* ao *enunciado*. A *função argumentativa* é o conjunto de conclusões que o locutor apresenta por meio do enunciado e que ele dá como objetivo de sua *enunciação*. Desse modo, a *argumentação* torna-se parte integrante do *sentido*. Entretanto, as indicações mais primitivas que o *sentido* fornece de sua *enunciação* são aquelas que comportam a *pluralidade de sujeitos* que estão na origem da enunciação, sujeitos que compõem a *polifonia* e que mostram o que o *enunciado* quer dizer, o tema do *sentido*. Este estudo pretende refletir sobre o lugar que a *polifonia*, do plano da enunciação, ocupa na construção do *sentido* do *enunciado*, e discutir o tema pela análise de um discurso.

Profª. Hilda de Oliveira Olímpio (UFES)

Sintaxe, enunciação e discurso

Nas últimas décadas, a Linguística vem ampliando o seu escopo de atuação, e várias correntes teóricas – ligadas, sobretudo, à Linguística Textual, ao Funcionalismo, à Pragmática e a algumas vertentes de Análise

do Discurso – têm defendido uma perspectiva textual-discursiva no tratamento de categorias da gramática. Citem-se, a título de exemplo: a oposição artigo definido / artigo indefinido; as categorias de pessoa, tempo, modo e lugar e as estratégias de nominalização. Aliás, numa perspectiva textual / discursiva de análise, admite-se que a língua deve ser descrita a partir do uso que os sujeitos fazem dela, enfim que toda a gramática resulta de um funcionamento enunciativo / discursivo que é possível ao analista evidenciar. Tal perspectiva supõe uma articulação entre língua X fala, ou seja, entre as categorias abstratas do sistema e o uso individual que dele faz qualquer falante. Por isso, a investigação deve partir de enunciados efetivamente realizados, ancorando-se na noção de contexto de enunciação aí implicada, e buscar nos enunciados analisados as marcas linguísticas dos mecanismos de sua produção, ou seja, dos modos de enunciação do discurso. É nesse redimensionamento analítico que se insere a presente discussão sobre a articulação de orações, tendo em vista inserir a chamada subordinação por encaixamento – foco da discussão – num quadro enunciativo/ discursivo mais amplo, que mostre a função comunicativa/ interativa das construções aí implicadas. A hipótese aqui levantada é de que o modo de articulação das orações nos enunciados não é determinado pela aplicação mecânica de regras “puramente sintáticas”; antes, resulta de diferentes opções interativas envolvidas no processo comunicativo. Obedece, portanto, a pressões “externas” ao sistema gramatical, pressões ligadas aos contextos discursivos específicos, onde a gramática se constitui. Como ponto de partida, buscam-se no contexto pragmático de enunciação os fundamentos para ancorar essa discussão. Um exame mais atento dos contextos de uso e das categorias semânticas dos verbos envolvidos no processo de encaixamento mostra que os verbos da oração matriz são verbos modalizadores / enunciativos, cuja força ilocutória envolve o verbo da oração encaixada. Esses predicados modalizadores têm alta incidência nos textos pertencentes aos gêneros opinativos, em que as ações e os eventos descritos ficam subordinados à subjetividade de um sujeito enunciador. Trata-se, portanto, de uma integração sintática, resultante de uma integração semântica e discursiva, que não pode ser percebida numa análise sintática autônoma, como a desenvolvida no Estruturalismo. Como referencial teórico-metodológico, associam-se pressupostos da Linguística da Enunciação com pesquisas recentes desenvolvidas pela Linguística Funcional e procedimentos analíticos fornecidos pela Semiologia, vertente de Análise de Discurso que dá ênfase aos modos de enunciar.

10h às 12h: Grupo Temático

Sociolinguística e Dialectologia e Fonética e Fonologia

Local: Sala 32 do ICI

Apagamento das vogais átonas finais [i] e [u] na comunidade rural de Beco, Seabra-BA

Maria do Carmo Sá Teles de Araujo Rolo (UFBA)

Vogais médias e variação: uma proposta de estudo a partir de um caso de variação diatópica do PB

Priscilla Garcia (UFOP)

Imagens preliminares da realização variável de /l/ prevocálico no estado do Pará

Marilucia Oliveira (UFPA)

A influência do fator escolaridade na recuperação do R final na escrita

Geisa Borges da Costa (UFBA)

Disfluências de auto-correção: estudo prosódico

Alexandre Delfino Xavier (UFMG)

12h às 13:45h: Intervalo

Tarde/noite

14h às 15h40min: Mesa-redonda 2

Local: Auditório do CCHN (ICII)

Tema: Linguística Textual

Coordenação: Penha Lins (UFES)

Participantes: Ingedore Villaça Koch (Unicamp), Anna Christina Bentes (Unicamp), Maria da Penha Pereira Lins (UFES),

Profa. Ingedore Villaça Koch (UNICAMP)

A agenda da lingüística textual (L.T.) no século XX

Esta exposição tem o propósito de discutir os rumos que atualmente vem tomando a L.T., ao ampliar cada vez mais seus domínios para atender às novas demandas sociais, de modo a englobar as diversas formas de interação humana por meio de textos escritos e orais.

Profa. Anna Christina Bentes (UNICAMP)

A linguística textual em cena: retrospectiva crítica e perspectivas de futuro

Ao longo de mais de duas décadas, a Linguística Textual vem contribuindo para a divulgação da ciência linguística no Brasil e também para a apropriação do conhecimento sobre o fenômeno textual e sobre o fenômeno linguístico por parte de profissionais e estudiosos de várias áreas e níveis de atuação. É quase impossível negar o grande impacto que os estudos do texto por meio de um conjunto heteróclito de teorias e dispositivos analíticos exerce sobre, por exemplo, o processo de ensino e aprendizagem de línguas. Talvez esse motivo já seja o suficiente para se fazer um balanço positivo da entrada e do desenvolvimento das teorias do texto no contexto acadêmico brasileiro. No entanto, para além de aplicações específicas, a Linguística Textual transformou-se, no Brasil e no exterior, em um referencial teórico e metodológico que embasa um tipo de compreensão e de apropriação mais global do fenômeno textual por parte dos sujeitos nos mais diversos campos sociais. Um exemplo disso é a percepção mais teoricamente embasada de professores e alunos em diferentes níveis, de profissionais de várias áreas, de intelectuais e cientistas de diversos campos de estudos, de que os textos são recursos muito importantes que possibilitam não apenas a interação pela linguagem, mas também a contínua (re)elaboração e materialização dos conhecimentos produzidos histórica e socialmente. Por isso é que se pode dizer que as explicações produzidas pela linguística do texto consideram, a um só tempo, três pontos de vista: o linguístico, o cognitivo e o social. É essa necessária articulação transdisciplinar que singulariza a linguística do texto como um tipo de estudo que integra diversas ciências. Pode-se dizer que, no Brasil, assumiu-se, no campo da LT, o pressuposto de que há uma relação de imbricação, de mútua constitutividade entre os modos de produção e recepção do texto e os modos de convivência social e de coordenação das ações humanas (cf. Marcuschi, 2004). A meu ver, continuamos a ter pela frente uma urgência de várias tarefas dentre as quais o aprofundamento das descrições e análises das complexas estruturas textuais; das análises dos processos cognitivos constitutivos das e incorporados às interações sociais que estão na base da produção e recepção dos textos; das investigações das dimensões socio-interacionais da produção e da recepção dos textos; de investigações que enfatizem o entendimento do fenômeno textual articulando seus aspectos formais e sociohistóricos (Hanks, 1989). Há também a necessidade de se aprofundar e de se desenvolver reflexões que possam estabelecer mais programaticamente quais desses conjuntos de conhecimentos são fundamentais para o ensino-aprendizagem de línguas. Por fim, pode-se dizer que a LT, de um modo geral, compreende os textos como formas de cognição social que permitem ao homem organizar cognitivamente o mundo (Koch, 2002:157), o que significa dizer que (i) cognição e mundo social encontram-se fundamentalmente imbricados e (ii) a LT tem um compromisso com a elucidação dos processos de produção e de recepção textual que se desenvolvem no curso da vida social.

Profa. Maria da Penha Pereira Lins (UFES)

Por uma linguística do texto ampliada: a proposta de Oscar Loure da Lamas

Esta comunicação tem por objetivo apresentar a proposta de uma Linguística do Texto Integral, concebida por Oscar Loure da Lamas. A linguística do texto, antes definida a partir de uma gramática do texto, passa a se compatibilizar com um conjunto de orientações distintas, cuja origem e cujo objetivo vão muito além dos limites da linguística. Essas influências vêm principalmente de diferentes correntes, tais quais: a pragmática e a análise do discurso, a teoria da enunciação (Benveniste), a teoria da coesão (Halliday/ Hasn), a teoria da polifonia (Bakhtin), a teoria dos gêneros discursivos (a sócio-retórica, Swales), a etnografia da fala (Hymes, Gumperz), a sociolinguística (Labov), a teoria da argumentação (Ducrot/ Anscombre), a Análise da Conversação, as quais vão problematizar em relação a questões como significado convencional e não-convencional, semântica vs pragmática, função representativa vs função informativa, dêixis e referência, problemas de língua vs problemas de comunicação; construção de sentido, conversação, contextos e práticas sociais, focalização em dimensões não estritamente linguísticas da análise de discursos, deslizamento até a antropologia e a sociologia, a linguagem e poder (análise do discurso crítica). Para

Loureda Lamas, essas reflexões acarretam, conseqüentemente, a hipótese de que é possível desenvolver uma teoria dos níveis funcionais do texto que permita, não somente explicar de todos os ângulos, o objeto de análise, mas também tornar compatíveis os avanços metodológicos das diferentes orientações da linguística do texto.

14h às 15h40min: Grupo Temático

Grupo Temático: Sociolinguística e Dialectologia

Local: Sala 32 do ICI

Fala, Vitória! - a variação do imperativo em Vitória/ES e sua posição no cenário nacional

Elaine Meireles Evangelista (UFES)

Atlas linguístico do Espírito Santo: projetos e subprojetos

Aline Haese (UFES)

Notícias do projeto sociolinguística e ensino: um panorama linguístico da cidade de Seabra-BA

Neila Maria Oliveira Santana (UNEB)

A linguagem dos pescadores da comunidade de Siribinha, Bahia

Thais Dultra Pereira Dultra Pereira (UFBA/CNPq)

A ausência ou a presença de artigo definido diante de antropônimos e topônimos na fala dos moradores da zona rural das cidades de ABRE CAMPO E MATIPÓ – M.G.

Andréia Almeida Mendes (UFMG/Faculdade Vértice/DOCTUM)

16h às 17h40min: Grupos Temáticos

Grupo Temático: Sociolinguística e Dialectologia

Local: Sala 32 do ICI

A expressão do futuro verbal no português escrito de Angola

Josane Moreira de Oliveira (UEFS)

Efeitos da saliência fônica e do tempo e modo verbal na concordância verbo-sujeito

Maria Marta Pereira Scherre (UnB/UFES/CNPq), Anthony Julius Naro (UFRJ/CNPq)

Infinitivo perifrástico: um caso de variação sintática

Jucilene Oliveira Sousa Basilio (UFES)

Sobre o uso variável dos clíticos reflexivos no Português Brasileiro: comparando Minas e Bahia

Evelin Tesser (PUC-SP)

Nós e a gente na fala dos moradores de Vitória: estudo preliminar

Alexandre Kronemberger (UFES)

Grupo Temático: Funcionalismo e Pragmática

Local: Sala Graciliano Ramos

O mapeamento do significado lexical nas conjunções adverbiais

Taisa Peres de Oliveira (UFMS)

Reflexões sobre transitividade verbal

Aline Moraes Oliveira (UFES/Faculdade SABERES)

O futuro do futuro do presente: variação, gramaticalização e mudança?

Marcela Langa Lacerda Bragana (UFES)

A natureza lógico-semântica das construções concessivas

Renata Margarido (UPM)

Grupo Temático: Cognição

Local: Sala Ingedore V. Koch

Esquemas de imagem no emprego metafórico de verbos de movimento em português

Antonio Suarez Abreu (UNESP)

Construções de intensificação derivadas das metáforas de sensações/experiências físicas, biofísicas e psicoafetivas - uma abordagem sociocognitiva

Anna Carolina Ferreira Carrara (UFJF)

A interpretação dos dêiticos "nós" e "a gente" sob a ótica da linguística cognitiva;

Michelle Teixeira da Silva (UFES)

Gramática das construções e gramaticalização - algumas convergências

Neusa Salim Miranda (UFJF, DELET)

Grupo Temático: Morfologia e Lexicografia

Local: Sala 2 do IC3

Morfologia de derivacional: um olhar sobre "a formação de palavras do Português do Brasil"

Julienne do Nascimento Dantas (UFES)

Sobre a formação de termos técnico-científicos da área de agronomia

Marcela Bravo Esteves (UnB)

A organização de dicionário analógico (ideológico) deve ser feita por meio de campos semânticos, campos lexicais, campos associativos ou mapas conceituais?

Michelle Machado de Oliveira (UnB)

Grupo Temático: Linguística Textual

Local: Sala 3 do IC3

Elementos articuladores em artigo de opinião - uma experiência com sequência didática no ensino médio

Irislane Rodrigues (UFES/PPGEL)

Do texto ao hipertexto: uma abordagem conceitual a partir das teorias da linguística moderna

Marcilene Oliveira Sampaio (UFES)

Texto, textualidade e iconotexto: diálogos intersemióticos

Júlia Almeida (UFES)

Concepções bakhtiniana de linguagem, ênfase na dimensão axiologia e textos da eja

Marileia Tenorio Dionísio (UFES-PPGEL)

Grupo Temático: Tradução e Linguística Aplicada

Local: Sala 8 do IC3

Tradução e ensino bilíngue: uma prática possível?

Arlene Batista da Silva Ferreira (UFES)

Reflexão da tradução sob a perspectiva da retextualização

Mayelli Caldas de Castro (UFES)

Caracterização do gerúndio na língua portuguesa

Marília de Carvalho Caetano Oliveira (UFSJ)

Fonemas vocálicos do inglês americano confrontados com os fonemas vocálicos do português do Brasil

Leônidas José da Silva Junior, Dermeval da Hora (UFPB)

Grupo Temático: Semântica e Semiótica

Local: Sala 2 do Anexo do CCHN

O romance policial contemporâneo

Fernanda Massi (FCLAr)

CHICO: o tempo, os temas e as figuras. uma leitura semiótica das canções de protesto e resistência "A banda" e "Apesar de você" compostas por Chico Buarque nas décadas de 60 e 70

Camila Leite Oliver Carneiro (UNEB)

O perfil morfossintático e semântico da complementação com predicados de percepção imediata

Leila Maria Tesch (UFRJ)

Grupo Temático: Análise do Discurso

Local: Sala 1 do Anexo do CCHN

A construção do ethos de mulheres independentes

Quezia dos Santos Lima (UNEB)

Pro dia nascer feliz: o estudo do etho na argumentação discursiva

Fernanda Borges (UFMG)

Voz própria e voz análise semiolinguística do discurso citado em textos jornalísticos

Luana Santos Lemos (UFES)

O ethos discursivo na canção “meus tempos de criança” de ataulfo alves

Fabiana Castro Carvalho (UFES)

A constituição do ethos discursivos do indígena da aldeia pau-brasil- es em narrativas escritas

Adriana Recla, Jarbas Vargas Nascimento (PUC-SP)

17h30min às 18h: Intervalo

18h00min às 19:40h: Minicursos

08. Da fala à escrita: fatos de língua em textos não literários

Profª. Dra. Célia Telles (UFBA)

Local: Sala Ingedore V. Koch

09. Das teorias linguísticas às atividades de ensino

Prof. Dr. Luiz Carlos Travaglia (UFU)

Local: Sala 1 do Anexo CCHN

10. Enunciação e construção do sentido

Prof. Dr. José Luiz Fiorin (USP)

Local: IC1- Sala 32

11. Funcionalismo e Gramaticalização

Prof. Dr. Mário Eduardo Martelotta (UFRJ)

Local: Sala 8 do IC3

12. Letramento e ensino de língua materna

Profª. Drª. Angela Kleiman (UNICAMP)

Local: Auditório IC2

13. Pragmática

Prof. Dr. Heronides Maurílio Melo de Moura (UFSC)

Local: Sala Graciliano Ramos

14. Linguística Computacional

Prof. Dr. Oto Vale (UFSCAR)

Local: Sala Clarice Lispector

20h às 21:30: Pôsteres, Lançamento de livros

Local: Sede da ADUFES

Dia 28 de maio de 2009 (quinta-feira)

Manhã

08h às 9h40min: Minicursos (Os mesmos do dia anterior)

10h às 12h: Mesa-redonda 3

Tema: As combinações de palavras no léxico e suas diferentes abordagens

Coordenação: Aucione Smarsaro (UFES)

Participantes: Margarida Basílio (PUC-RJ), Oto Vale (UFSCAR), Aucione Smarsaro (UFES)

Profa. Margarida Basílio (PUC-Rio)

Construções lexicais: composições e suposições

Neste trabalho, tento explicitar a diferença entre construções lexicais e construções que, embora envolvam processos similares, situam-se no âmbito da construção de enunciados. As duas situações são muitas vezes confundidas, uma vez que os interesses e enfoques de investigação variam. As dificuldades na distinção de construções compostas começam no conceito de palavra composta, em que é colocada de lado a distinção entre palavra composta, conceito que se situa no âmbito da morfologia, e composto lexical, no âmbito do léxico. Em muitos casos, naturalmente, as construções correspondem a ambos os conceitos, ou seja, compostos lexicais correspondem a palavras compostas. Mas também são muitos os casos em que os compostos lexicais não correspondem a palavras morfológicas. E, de qualquer modo, a composição é um processo de utilização de estruturas sintáticas para fins lexicais. Poderíamos, portanto, questionar a pertinência do fator morfológico na definição dessas construções lexicais. A consequência seria explicitar como processos de formação de unidades lexicais as operações subjacentes a todas as formações consideradas como compostos, independentemente da diferente situação de estrutura interna. As vantagens dessa posição seriam (a) unificar a categoria de compostos e (b) deixar de considerar no âmbito morfológico operações de caráter sintático. Para ilustrar a diferença entre construções lexicais e construções no enunciado, pretendo comparar diferentes tipos de construções S+ Adj. Num primeiro momento, analisarei exemplos de construções S+Adj de função denotativa e S+S de função denotativo-predicativa, mostrando como composições lexicais produzidas pelos processos correspondentes designam referentes especificados que apresentam um certo grau de estabilidade como unidades lexicais. Em seguida, analisarei exemplos da mesma relação de predicação, mas com fins expressivos, em construções que se enquadram necessariamente na categoria “palavra”, embora sejam pouco estáveis ou mesmo fugazes, assim contrastando o aspecto “enquadramento no âmbito da palavra” com o aspecto “estabilidade no léxico”. Finalmente, farei uma breve análise das combinações S+Adj em que S é um substantivo geral, de modo que o significado relevante do conjunto é dado pelo Adjetivo. O conjunto de construções analisado mostra a precariedade das oposições tradicionais léxico-morfologia, léxico-sintaxe e morfologia-sintaxe.

Prof. Oto Araújo Vale (UFSCAR)

Quais são as fronteiras entre as expressões cristalizadas e as construções composicionais?

Nesta comunicação será tratado o tema do continuum que vai das construções composicionais até as expressões cristalizadas. A partir da constatação de que as expressões cristalizadas são em tudo semelhantes às construções composicionais, verifica-se também que poucas características que alguns autores apontam como excepcionais para as expressões cristalizadas acabam por se verificar também nas construções composicionais. A partir da observação dessas ocorrências em corpora, notou-se que uma expressão cristalizada já sedimentada no uso da língua tem como interpretação preferencial o significado cristalizado, enquanto o significado componencial necessita de mais condições de vizinhança para sua realização e interpretação. O problema que se coloca a partir dessa constatação é o da possibilidade da identificação de expressões de uma maneira semi-automática. Entretanto, tal identificação necessita do desenvolvimento de recursos linguísticos computacionais bastante refinados. Uma das possibilidades de tratamento desse problema é a investigação de sequências que se encontram na fronteira entre a construção composicional e a expressão cristalizada. Entram nessa fronteira – bastante ampla – as colocações, as construções com verbo suporte e as construções metafóricas ainda não sedimentadas como expressões.

Profa. Aucione Smarsaro (UFES)

Expressão cristalizada ou verbo suporte seguido de metáfora lexicalizada?

Neste trabalho pretendo analisar algumas estruturas lexicais introduzidas com o verbo *dar*. Essa análise visa, na medida do possível, distinguir, por meio da identificação das propriedades sintáticas de cada estrutura, expressões cristalizadas, como *dar certo*, de estruturas com verbo suporte, especialmente quando o substantivo predicativo apresenta uma metáfora lexicalizada, como *dar um branco em alguém*. As expressões cristalizadas e expressões com verbo suporte são muito numerosas, porém existe diversidade dentro de cada um dos dois tipos, por isso o estudo organizado e metódico de qualquer um deles necessita de um trabalho de classificação. Além disso, em aplicações computacionais, o tratamento dos dois tipos é

diferente, porque as variações formais são diferentes. O método de análise é o do Léxico-Gramática que considera indispensável o uso de noções sintáticas no estudo da não-composicionalidade e da maioria das questões semânticas. A aplicabilidade de critérios formais facilita a observação e aumenta a confiabilidade do julgamento de aceitabilidade e inaceitabilidade das estruturas por falantes nativos ou linguistas, contribuindo para decidirmos se se trata de uma expressão fixa ou de verbo suporte seguido de um substantivo, mesmo na presença de um sentido metafórico lexicalizado.

10h às 12h: Grupos Temáticos

Grupo Temático: Sociolinguística e Dialectologia

Local: Sala 32 do ICI

Sobre a expressão variável da modalidade 'necessidade/obrigação' no português do século xvi e da contemporaneidade

Rosana Ferreira Alves (IEL/UNICAMP - FAPESB)

"A língua tá rum, não gasil nem falá" - do atendimento de afásicos à reflexão sobre diálogo

Zenildes Ferreira Alves Morais (UFBA)

A avaliação nas opiniões de profissionais de uma empresa brasileira da área de energia

Amitza Torres Vieira (UFJF /FAFISM)

Línguas de imigração: o projeto alma-h e o diálogo com a pesquisa de variedades de base germânica no ES

Karen Pupp Spinassé (UFRGS/ IHSL)

Análise da oralidade de descendentes de alemães que possuem o português como L2;

Shirlei Conceição Barth Schaeffer (Faculdade Saberes/ UFES)

Grupo Temático: Análise do Discurso

Local: Sala 1 do Anexo do CCHN

Provérbios e argumentação por autoridade

Yves Figueiredo (UFES)

Análise de movimentos retórico-discursivos em resenhas acadêmicas

Vicentina Ramires (UFRPE)

Representações da doença e percepções do serviço na interação profissional-cliente

José Carlos Gonçalves (UFF)

12h às 13:45h: Intervalo

Tarde/noite

14h às 15h40min: Mesa-redonda 4

Tema: Linguagem e sociedade: interfaces

Coordenação: Maria Marta Pereira Scherre (UFES/UnB)

Participantes: Maria do Socorro S. Aragão (UFC); Paulino Vandresen (UFSC/UCPel), Lilian Yacovenco (UFES)

Profa. Maria do Socorro Silva de Aragão (UFC – UFPB)

A Dialectologia e a Geolinguística no Brasil: ontem e hoje

Os estudos de Dialectologia e Geolinguística no Brasil, apesar das dificuldades pelas quais têm passado, especialmente com a pouca quantidade de pessoal qualificado dedicado a estes estudos, da falta de interesse das instituições e da conseqüente falta de recursos, continuam a se expandir, não só quantitativamente, mas qualitativamente, incluindo em suas análises, além dos aspectos diatópicos, os aspectos diastráticos e diafásicos. O trilhar desse caminho só tem sido possível graças ao esforço de um grupo de abnegados pesquisadores que fizeram da Dialectologia e especialmente da Geolinguística, o objetivo maior de suas pesquisas. Como resultado dessas pesquisas o Brasil já possui, até o momento, dezesseis Atlas Linguísticos realizados, dos quais nove publicados. Os Atlas Linguísticos estaduais brasileiros publicados são: o Atlas Prévio dos Falares Baianos (1963), o Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (1977), o Atlas Linguístico da Paraíba (1984), o Atlas Linguístico de Sergipe (1987), o Atlas Linguístico do Paraná (1994),

o Atlas Linguístico de Sergipe II (2002), o Atlas Linguístico Sonoro do Estado do Pará (2004), o Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul (2002) é o único Atlas Regional brasileiro, o Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul (2007). Os sete últimos Atlas elaborados, mas ainda não publicados, são Atlas Linguístico do Ceará, o Atlas Linguístico do Amazonas, tese defendida na UFRJ em 2004, o Atlas Fonético do Entorno da Baía da Guanabara, dissertação defendida na UFRJ em 2006. o Atlas Linguístico do Município de Ponta Porã-MS: Um Registro das Línguas em contato na Fronteira do Brasil com o Paraguai, dissertação defendida na UFMS, em 2006, o Atlas Geolinguístico do Litoral Potiguar tese defendida na UFRJ em 2007, o Atlas Linguístico do Paraná II, tese defendida na UEL em 2007, o Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro, Tese defendida na UFRJ, em 2008, o Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso, dissertação defendida na UFMS, em 2009. Outros dezesseis Atlas estaduais e municipais encontram-se em fase avançada ou inicial de elaboração por grupos específicos de pesquisa geolinguística, como teses ou dissertações, como o Atlas Linguístico Sonoro do Estado do Rio de Janeiro, O Atlas Linguístico de São Paulo, o Atlas Linguístico do Acre, o Atlas Linguístico do Mato Grosso, o Atlas Linguístico do Espírito Santo, o Atlas Geo-Sociolinguístico do Pará, o Atlas Linguístico do Maranhão, o Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte, o Atlas Linguístico do Piauí, o Atlas Linguístico de Rondônia, o Atlas linguístico-contatual das minorias alemãs na Bacia do Prata (ALMA-H): Hunsruckisch, o Atlas linguístico e etnográfico da Região Oeste do Paraná, o Atlas linguístico do Oeste de São Paulo, Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco, o Atlas Linguístico de Iguatu-CE, e o Atlas Linguístico da Mesorregião do Oeste Potiguar. O presente trabalho fará uma retrospectiva detalhada desses estudos em nosso país.

Profa. Paulino Vandresen (UFSC/UCPel)

Linguagem e sociedade - línguas em contato num Brasil multilíngue

Nesta comunicação, pretende-se discutir algumas tarefas urgentes na descrição do contato linguístico do português com outras línguas faladas no Brasil (indígenas, africanas e de imigrantes) ou nas regiões fronteiriças. Apresenta-se, também, uma descrição de contato linguístico em duas comunidades gaúchas, da região de Pelotas-RS - Arroio do Padre e Três Vendas - cuja população é composta por descendentes de imigrantes alemães, majoritariamente pomeranos. Os objetivos da pesquisa eram : a) descrever as funções das línguas em contato nestas duas comunidades (a primeira isolada e rural e a segunda urbana e mais integrada); b) determinar os fatores sociais que favoreceram ou não a manutenção do bilinguismo; e c) detectar atitudes de lealdade linguística no uso das línguas em contato. Para alcançar estes objetivos foram aplicados questionários a 210 informantes de ambos os sexos e divididos em três faixas etárias. Foram também entrevistadas lideranças locais e professoras de séries iniciais. Os resultados mostraram que em Arroio do Padre o Pomerano é a língua mais usada no ambiente familiar e de vizinhança, mesmo pela geração mais jovem. Já na área urbana de Três Vendas, o uso do Pomerano é menos frequente, com indícios de enfraquecimento de seu uso na geração mais jovem. Com relação às atitudes linguísticas verificou-se também uma oposição entre o rural e urbano, com atitudes favoráveis ao uso do Pomerano em Arroio do Padre e preferência pelo uso do Português em Três Vendas. Conclui-se a apresentação com uma discussão sobre questões metodológicas no estudo de sociedades multilíngues.

Profa. Lilian Yacovenco (UFES)

Em busca da identidade linguística capixaba

Os traços característicos da identidade linguística capixaba não são imediatamente visíveis aos ouvidos de quem entra no Espírito Santo pela grande Vitória e os estudos sociolinguísticos e de geografia linguística ainda são esparsos e incompletos, embora muitos esforços já tenham sido empreendidos nesta direção. Portanto, na presente comunicação, pretende-se discutir a necessidade de formação de diversos *corpora* para que seja possível delimitar-se a identidade linguística dos falantes do Espírito Santo, e apresentar hipóteses de alguns traços característicos da comunidade de fala capixaba, a partir de alguns estudos empreendidos e da observação desta pesquisadora.. Até o momento, dois corpora foram constituídos com esse objetivo: o do Projeto “O português falado na cidade de Vitória”, coordenado pela professora Lilian C. Yacovenco, e o do “Atlas Linguístico do Espírito Santo”, coordenado pela professora Catarina Vaz Rodrigues. O primeiro, de orientação variacionista, gravou, entre 2001 e 2002, quarenta e seis entrevistas com informantes nascidos em Vitória, divididos segundo as variáveis relativas ao sexo do informante, à sua idade e à sua escolaridade. O

segundo tem por objetivo a descrição das principais variantes diatópicas do Espírito Santo, seguindo, para isso, as orientações da Geografia Linguística. É importante destacar que o estado do Espírito Santo possui uma composição etnográfica bastante variada, sendo interessante o desenvolvimento de pesquisas que possibilitem o estudo de diferentes variedades linguísticas e a pesquisa que enfatize o contato com diversas línguas, sejam elas de comunidades indígenas, quilombolas ou pomeranas, além do forte contato com comunidades de descendência italiana e alemã.

15h40min às 16h: Intervalo

16h às 17h40min: Grupos Temáticos

Grupo Temático: Sociolinguística e Dialectologia

Local: Sala 32 do ICI

Análise da variação linguística em livros didáticos de português

Yana Liss Soares Gomes (UFPI)

Leitura, apropriação do sistema de escrita e consciência fonológica: suas relações nos testes do programa Brasil alfabetizado

Ana Paula Campos Cavalcanti Soares (FaE/UFMG), Francisca Izabel Pereira Maciel (FaE/UFMG)

A sociolinguística no trabalho escolar com a língua materna: perspectivas de uma pesquisa-ação

Lucia F. Mendonça Cyranka (UFJF), Simone Rodrigues Peron (UFJF)

A influência da língua pomerana no aprendizado de língua portuguesa

Aline Haese (UFES)

Breves reflexões críticas sobre a análise sociolinguística

Gredson dos Santos (UFBA)

Grupo Temático: Cognição

Local: Sala Ingedore V. Koch

A família de construções de argumento cindido no PB

Thais Fernandes Sampaio (UFJF), Maria Margarida Martins Salomão (UFJF)

O frame de comunicação no português do Brasil

Francine Vaz (UFJF), Luiz Fernando Matos Rocha (UFJF)

Descrição lexicográfica de unidades lexicais do frame de separação dentro do projeto framenet Brasil

Paula Zagotta de Oliveira (UFJF, PPG), Maria Margarida Martins Salomão (UFJF, PPG)

A cognição e a progressão

Tatiani Ramos (UFES)

Grupo Temático: Funcionalismo e Pragmática

Local: Sala Graciliano Ramos

“Nós, enquanto qualquer coisa, aceitamos qualquer coisa enquanto vivemos...”: um caso de gramaticalização

Heitor da Silva Campos Júnior (UFES)

Atos de fala e subjetividade: um caminho possível para gramaticalização

Juliana dos Santos (UFES)

Aspectos da auxiliaridade de voltar

Márcia dos Santos Machado Vieira (UFRJ), Fabrícia De Almeida De Sousa (UFRJ)

A gente e la gente: percursos da gramaticalização de uma mesma fonte

Francisca Paula Soares Maia (UFMG)

O comportamento multifuncional do onde no Português Brasileiro: algumas pesquisas

Tadeu Luciano Siqueira (UFPB)

Grupo Temático: Morfologia e Lexicografia

Local: Sala 2 do IC3

Geomorfotopônimos da cidade de Vitória – a substituição da denominação morro por bairro

Rosana de Vilhena Lima (UFES)

Iconicidade lexical: uma análise

Darcilia Simões (UERJ), Socorro Aragão (UFC)

‘Breve incursão sobre as designações para os pescadores e os apetrechos de pesca ‘da comunidade de Baiacu-Vera Cruz –Bahia

Cristiane Fernandes Moreira (UFBA)

Grupo Temático: Sintaxe**Local: Sala 7 do IC3****Estudo da estrutura ser + locativo em peças publicitárias**

Lúcia Helena Peyroton da Rocha (UFES), Rosana de Vilhena Lima (UFES)

Futuro simples x ir+infinitivo - uma análise diacrônica do uso de formas verbais sintéticas e perifrásticas no Português Brasileiro

Christiane Miranda Buthers (FALE - UFMG)

Construções com “se”, concordância de fectiva e locativos argumentais em jornais paulistas do século XIX

Juanito Ornelas de Avelar (Unicamp)

A função textual-discursiva do sintagma apositivo na propaganda

Gesieny Laurett Neves (UFES)

Grupo Temático: Linguística Aplicada**Local: Sala 8 do IC3****A confusão entre gêneros textuais e discursivos: o “manual do professor” de um livro didático de produção textual de ensino médio à luz do legado de bakhtin para a linguística aplicada**

Maria Amélia Dalvi (UFES)

Problematização e ensino de língua materna

Vania Morales Rowell (FSG), Tânia Maris de Azevedo (FSG)

Análise do português popular escrito

Fernanda Zaché (UFMG)

Discurso e prática docente: um estudo sobre a relação entre a reconstrução de concepções de ensinar e sua influência na praxis

Ana Larissa Adorno Marciotto Oliveira (UFSJ)

Grupo Temático: Semântica e Semiótica**Local: Sala 2 do Anexo do CCHN****Metonímia e metáfora: onde começa uma e termina a outra?**

Ione Aires (UFES)

Metáforas: uma análise léxico-conceitual

Ibson Rodrigues da Silva Júnior (UFSC)

Polissemia, metonímia ou extensão de sentido: um estudo da metonímia em diferentes perspectivas

Mônica Mano Trindade Ferraz (UFPB)

O uso de estruturas argumentais de verbos de ação-processo para processamento de linguagem natural

Carlos Roberto de Souza Rodrigues (UFES)

Grupo Temático: Análise do Discurso**Local: Sala 1 do Anexo do CCHN****A recorrência do processo parafrástico na constituição identitária psicossocial- discursiva tocantinense**

Elaine Barbosa Caldeira Gonçalves

Com certidão de nascimento, sou cidadão?:discursividade acerca da noção de cidadania

Rafaella Elisa da Silva Santos (UNEB)

Processos de autoria em narrativas de estudantes

Isaura Maria de Carvalho Monteiro (UFES)

Memoriais de licenciados em cana: e moção e formação profissional

Maria das Graças Salgado (UFRJ)

Grupo Temático: Linguística Textual

Local: Sala 3 do IC3

Comentários sobre "o gênero do discurso" de M. Bakhtin

Mariléia Tenório Dionísio (UFES/PPGEL)

A argumentação em petições jurídicas: um estudo do gênero a partir da análise do discurso

Heliud Luis Maia Moura

Orientação argumentativa e determinação referencial na retórica neopentecostal: a emergência do valor neoliberal de consumo na teologia da prosperidade

Erik Martins (UNICAMP/DL/TEL)

Objetos de discurso em histórias em quadrinhos: uma perspectiva textual para textos multimodais

Mayalu Felix (UEMA)

Gêneros textuais: uma análise de textos veiculados em cartões telefônicos

Gabriela do Couto Baroni (UFES)

18h às 19h49min – Minicursos (Os mesmos do dia anterior)

20h: Conferência: Professor Dr. José Augusto Carvalho (UFES) Tema: Gramática superior

Local: Auditório do CCHAN (IC II)

Dia 29/05/2009 (Sexta-feira)

Manhã

08h às 9h40min: Minicursos (Os mesmos do dia anterior)

10h às 12h: Mesa-redonda 5

Tema: Fonética e Fonologia: aplicações

Coordenação: Alexsandro Meireles (UFES)

Participantes: Maria Bernadete M. Abaurre (UNICAMP), Leda Bisol (PUCRS), Alexsandro Meireles (UFES)

Profa. Maria Bernadete Marques Abaurre (Unicamp, CNPq)

Fonética e Fonologia: aplicações no acompanhamento do processo de aquisição da escrita

A investigação sobre o componente fonológico das línguas naturais justifica-se, naturalmente, por si só. É importante apontar, no entanto, para o avanço que as investigações fonéticas e fonológicas, sobretudo aquelas conduzidas no quadro das correntes mais atuais, têm propiciado em outros campos de investigação, produzindo resultados práticos significativos. A fonoaudiologia, a neurolinguística e a psicopedagogia são exemplos de disciplinas que muito se têm beneficiado desses estudos, já que um melhor conhecimento da organização interna dos sons, bem como da teoria da sílaba (com a explicitação de seus constituintes e de sua sintaxe interna) e da fonologia prosódica (com a identificação da hierarquia dos domínios prosódicos), permite um trabalho mais seguro dos profissionais dessas áreas. Os fonoaudiólogos, por exemplo, podem e devem se valer desses conhecimentos para a identificação e acompanhamento clínico dos verdadeiros casos de patologias da fala, pois sua atuação será tanto mais segura quanto mais bem fundamentada estiver em bases teóricas sólidas acerca da organização e do funcionamento do módulo fonológico da gramática. Neste trabalho pretendemos enfatizar especificamente a grande contribuição que os estudos fonéticos e fonológicos têm trazido para uma melhor compreensão do processo de aquisição da escrita, sobretudo na fase inicial. Estudos voltados para a análise de dados representativos da produção escrita têm revelado como, ao aplicar o princípio fonográfico que subjaz ao sistema alfabético, os aprendizes de escrita inconscientemente registram aspectos fonéticos segmentais da modalidade sociolinguística regional que utilizam, bem como aspectos da organização silábica e prosódica de sua língua materna. Apresentaremos dados representativos da escrita inicial de crianças brasileiras com o objetivo de mostrar 1) como o conhecimento sobre a construção das posições na estrutura interna da sílaba e de seus constituintes pode explicar vários dados representativos do início da escrita alfabética; 2) como o conhecimento dos domínios prosódicos pode explicar dados de hipossegmentação e de hiper-segmentação frequentemente observados na

escrita inicial. Tais dados, representativos de ocorrências perfeitamente normais nesse momento do processo de aquisição, costumam ser equivocadamente tomados como sintomas de dislexia. As repercussões pedagógicas dessas discussões são evidentes.

Profa. Leda Bisol (PUCRS, CNPq)

O diminutivo, uma ou duas formas?

Este estudo revê as diferentes interpretações que o diminutivo tem tido no perpassar dos tempos, para reavivar a visão que, neste percurso, de quando em quando ecoa, através de Soares Barbosa (1787), Allen Jr. (1941) e Pottier (1968), obliterada por interpretações mais recentes que lhe atribuem dois morfemas. Defende-se neste estudo que o diminutivo é **-inho** e que /z/, em **-zinho** é uma consoante epentética que emerge, sobretudo, para satisfazer exigências estruturais. A análise realiza-se na linha da Teoria da Otimidade, contando com uma hierarquia de restrições em que interagem restrições de correspondência *input* e *output*, de alinhamento de níveis estruturais distintos e de marcação. Ao considerar que o diminutivo tem uma base morfológica, isto é, um nominal temático ou aтемático, constata-se que suas propriedades e a alternância inho~zinho decorrem de duas demandas: ter *onset* e ser fiel à base.

Prof. Aleksandro R. Meireles (UFES)

Fonética e Fonologia: aplicações tecnológicas, forenses e clínicas

Os avanços teóricos em fonética/fonologia vêm sendo aplicados a campos de estudos diversos relacionados às ciências da fala, como a tecnologia de fala, a fonoaudiologia e a ciência forense. As ciências da fala caracterizam-se por seu escopo interdisciplinar, dentro da linguística e também na interface com outros campos do conhecimento. A tecnologia, em especial a tecnologia de software, tanto permite ampliar e aprofundar as análises acústicas de fala, incluindo nesses estudos outros parâmetros além daqueles priorizados pela fonética acústica, quanto permite realizar sínteses e testes de reconhecimento de fala averiguando a robustez dos resultados das análises. Sua possível aplicação na indústria abre novos caminhos para os estudos linguísticos. Especificamente, apresentaremos aplicações tecnológicas da fonologia, como o Silweb, parser de análise fonológica criado para, a partir de uma transcrição fonológica, fornecer dados tais como posição do acento e número de sílabas das palavras. Além deste, mostraremos o Ortosil, um parser de transcrição de texto ortográfico em escrita fonológica, e um programa para síntese de fala para o português brasileiro, o Festival. Todos estes softwares são auxiliares no programa SetFon, em desenvolvimento pelo grupo. O objetivo do SetFon é prover uma plataforma para análise de fala com inclusão de dados diversos, como os resultantes da análise textual semiótica ou de informações sócio-culturais dos informantes, plataforma essa que possibilite a coleta de grande quantidade de dados para análise. Além da aplicação tecnológica da fonologia, iremos apresentar aplicações da fonética à fonoaudiologia e à ciência forense. Na aplicação fonoaudiológica, apresentaremos dados de uma criança com diagnóstico de gagueira, que foi curada graças a conhecimentos advindos da prosódia da fala. Por fim, na aplicação forense, mostraremos como cientistas forenses vêm aplicando conhecimentos fonético-linguísticos na elucidação de crimes, em que a verificação de locutor está envolvida.

10h às 12h

Grupo Temático: Análise do Discurso

Local: Sala 1 do Anexo do CCHN

Conceptualizações para o contexto: regularidades na variabilidade

Karla Perim Muzzi (UFES)

O adjetivo na orientação argumentativa do discurso: a proposta da semântica argumentativa

Silvana Barbosa Pereira de Carvalho (UFES)

Ana Maria de Carvalho Leite (FALE/UFMG)

Gênero artigo de opinião: teoria da relevância e argumentação em foco

12h às 13:45h: Intervalo

Tarde/noite**14h às 15h40min: Mesa-redonda 6****Tema:** Linguagem e ensino**Coordenação:** Luciano Novaes Vidon (UFES)**Participantes:** Sílvia Vieira Rodrigues (UFRJ), Luiz Carlos Travaglia (UFU), Angela Kleiman (UNICAMP)**Profa. Angela Kleiman (UNICAMP)****Ensino de língua e formação do leitor crítico**

A minha apresentação tem por objetivo discutir algumas contribuições dos Estudos da Linguagem — em especial dos estudos que investigam as práticas sociais de uso da língua escrita — para a formação do professor de língua materna, particularmente no seu papel de formador de leitores críticos. Utilizando uma definição de leitura crítica como a capacidade de avaliar o funcionamento discursivo dos elementos materiais de um texto, daremos destaque a questões relativas ao ensino da leitura no cotidiano escolar, relacionando as concepções de prática social e de gênero discursivo como matrizes sócio-cognitivas viabilizadoras da participação do indivíduo em diversas atividades da vida social. Partindo de pressuposto de que a criticidade da criança está evidente na sua capacidade de fazer julgamentos e avaliar elementos da situação em relação a alguma norma pré-estabelecida, analisaremos alguns exemplos de leitura de textos de gêneros diversos utilizados em diversas situações de ensino e de avaliação no Ensino Fundamental.

Prof. Luiz Carlos Travaglia (UFU)**Significação, texto e ensino**

Na relação entre linguagem e ensino ou mais especificamente, falando de ensino de língua, nossa proposta é que nas atividades de sala de aula não se pode deixar de enfatizar e dar foco na significação tal como ela acontece por meio dos recursos linguísticos em seu funcionamento nos textos vistos como os instrumentos para a interação comunicativa. Ou seja, no ensino é preciso priorizar os planos semântico e pragmático e o nível textual na abordagem da língua com os alunos, pois só assim se pode fazê-los perceber efetivamente como a língua funciona. Com alguns exemplos procurar-se-á deixar claro como o professor deve atuar no ensino da língua dando ênfase à significação dos recursos linguísticos nos textos, isto é, como pode transformar o conhecimento linguístico sobre os planos semântico e pragmático e o nível textual em atividades de ensino/aprendizagem que levem a um incremento da competência comunicativa, da capacidade de produzir e compreender textos de forma adequada a cada situação de interação comunicativa.

Profa. Silvia Rodrigues Vieira (UFRJ)**Variação linguística, texto e ensino**

Partindo do pressuposto de que o objetivo maior do ensino de Língua Portuguesa é desenvolver a competência de leitura e produção de textos, parece fundamental assumir que a unidade textual – em toda a sua diversidade de tipos e gêneros, em diferentes registros, variedades e modalidades – deve ser o ponto de partida e de chegada das aulas de Português. Essa diversidade de textos traz naturalmente para a sala de aula a expressão linguística variável nos diferentes níveis gramaticais, como elementos essenciais às atividades de produção e construção do sentido do texto. Com base nesses pressupostos, objetiva-se tratar da variação linguística no contexto escolar, buscando: (i) apresentar, com base na avaliação do Programa Nacional do Livro didático do Ensino Médio, o perfil dos materiais didáticos quanto aos conhecimentos linguísticos; (ii) apresentar resultados sociolinguísticos que evidenciam a promoção da pluralidade de normas linguísticas no contexto escolar; (iii) observar, em textos diversos, as estruturas variáveis em promoção; para, por fim, (iv) propor reflexões sobre a interferência da escola na promoção de contínuos de variação linguística nas atividades de leitura e produção textual.

14h às 15h40min**Grupo Temático: Análise do Discurso****Local:** Sala 1 do Anexo do CCHN**O discurso de auto-ajuda em revistas femininas: aspectos retóricos e discursivos**

André Effgen de Aguiar (UFES)

Raízes da violência contra a mulher: percurso discursivo de mártires

Cláudia Madalena Feistauer

Análise do discurso de chapeuzinho vermelho: revisitando a infância em versões intertextuais

Flávia Alcântara (UFMG)

O discurso da beleza: a persuasão midiática nas capas das revistas femininas

Sebastiana de Araújo Carvalho (UFPB)

15h40min às 16h: Intervalo

16h às 17h40min: Grupos Temáticos

Grupo Temático: Sociolinguística e Dialectologia

Local: Sala 32 do ICI

Implementação da forma de tratamento você: a contribuição das pistas gráficas e o grau de formalidade da interação em cartas pessoais dos Séculos XIX e XX

Elaine Chaves (UFMG)

Pronomes de tratamento: tu você senhor(a)

Ludinalva Santos do Amor Divino (UFBA)

Concordância de gênero: um fenômeno linguístico ou social?

Cíntia da Silva Pacheco (UnB, LIP/IL)

O falar cuiabano: um estudo sobre a variação na concordância do gênero gramatical

José Leonildo Lima (UNEMAT)

A variação você/cê na fala de Vitória

Elba Nusa Calmon (UFES)

Grupo Temático: Funcionalismo e Pragmática

Local: Sala Graciliano Ramos

O uso de formulações extremas na construção de pontos de vista em audiências de conciliação (no PROCON)

Thenner Freitas da Cunha, Sonia Bittencourt Silveira (UFJF)

Princípios pragmáticos da textualidade versus princípio de cooperação: contribuições para o estudo do texto escrito na escola

Marcilene Oliveira Sampaio (UFES)

Gênero entrevista: um estudo da construção de face e da polidez na interação face a face

Sílvia Bragatto Guimarães (UFES)

A construção linguística do humor nas tiras de MLeila Maria Teschafalda

Mônica Oliveira (UFES)

Grupo Temático: Sintaxe

Local: Sala 7 do IC3

As construções com objetos cognatos na língua portuguesa: desencontro sintático-semântico e proposta descritiva linguística-computacional

Marcelo Lopes da Silva (UFJF/UFES), Maria Margarida Martins Salomão (UFJF)

A aquisição do caso por três crianças brasileiras

Julieane Pohlmann-Bulla (PUC-RS)

Grupo Temático: Tradução e Linguística Aplicada

Local: Sala 8 do IC3

Aquisição da construção ditransitiva do inglês por aprendizes brasileiros

Júlia Vidigal Zara (UFMG)

As oportunidades de aprendizagem de língua estrangeira em sala de aula inclusiva para jovens com sintomas de síndrome de asperger

Ana Carolina Ribeiro (PUC-SP)

Ensino bilíngue libras-português: uma nova prática colonizadora?

Arlene Batista da Silva Ferreira (UFES)

Grupo Temático: Semântica e Semiótica

Local: Sala 2 do Anexo do CCHN

Discurso didático: testagem de um modelo para descrição do sentido pela semântica argumentativa

Tânia Maris de Azevedo (UCS), Vania Morales Rowell (UCS)

A interpretação de dados de pesquisa e a análise de discursos

Virginia Abrahão (UFES)

A escrita do messenger e uma possível migração desta para atividades escolares fora do ciberespaço

Verena Santos Abreu (UNEB)

A influência da linguagem jornalística no português padrão brasileiro contemporâneo

Gabriela Kruger Arpini (UFES)

Grupo Temático: Linguística Textual

Local: Sala 3 do IC3

A organização textual em gêneros do ambiente virtual com características da oralidade

Kelly Christine Lisboa Diniz (UFES)

Gêneros textuais do meio digital e o ensino

Silvia Regina Neves da Silva (FIC)

“Santinhos políticos”: gênero ou suporte textual?

Priscila Lopes Viana (UFMG)

O valor persuasivo e a construção de sentido em uma publicidade de camisinha

Roselene Vaúna de Almeida (UFV), Suellen Lopes Barroso (UFV)

Afasia, letramento e oralidade: estudo de caso

Heloísa de Oliveira Macedo (IEL / UNICAMP)

Grupo Temático: Análise do Discurso

Local: Sala 1 do Anexo do CCHN

Processo criativo e sensacionalismo: um estudo de texto jornalístico

Devair Fiorotti (UERR)

A presença da intergenericidade do discurso publicitário: hibridização de gêneros discursivos

Dalcylene Dutra Lazarini (UFMG)

Para vender automóveis no dia das mães ou no dia dos pais, é preciso usar um discurso diferente para cada um desses atores sociais?

Ivete Bellomo Machado (UCPel)

Presenças dialógicas, o “outro” e o “eu”, em raps dos racionais mc’s

Tatiana Aparecida Moreira (UFES)

A crítica social manifesta em hipertexto, gêneros textuais e multimodais como estratégia na construção ideológica discursiva

Rinalda Fernanda Arruda (UFPE)

18h às 19h40min – Minicursos (Os mesmos do dia anterior)

20h Encerramento